

Opinião e informação não são excludentes: reflexões sobre gêneros jornalísticos, *newsliteracy* e desinformação no projeto Vaza, Falsiane!¹

Marli dos SANTOS²
Faculdade Cásper Líbero

RESUMO

A variedade de textos jornalísticos e, mais especificamente, a divisão entre informação e opinião têm estimulado a inserção dos gêneros jornalísticos em cursos de letramento midiático. Este artigo discute as relações entre informação e opinião como gêneros jornalísticos no contexto da *news literacy* e da desinformação, e como o entendimento sobre o tema colabora para se identificar os conteúdos falsos que mimetizam a notícia. Parte-se dos conceitos de Chaparro (2008) para analisar o curso *online* “Vaza, Falsiane!”, que trata de gêneros jornalísticos explicitamente. Ao final, podemos dizer que a perspectiva teórica adotada no curso, ao explicar diferenças entre gêneros, colabora para evitar uma visão equivocada sobre as estruturas textuais no jornalismo, porém, algumas imprecisões podem levar ao equívoco de opor informação e opinião.

PALAVRAS-CHAVE: Informação; Opinião; *Newsliteracy*; Desinformação; Curso Vaza, Falsiane!.

INTRODUÇÃO

Os gêneros jornalísticos têm sido referidos em alguns cursos de *newsliteracy*, especialmente quando associados ao contexto da desinformação, assunto que ganhou muita relevância a partir das eleições estadunidenses em 2016 e, em 2018, com o pleito para presidente no Brasil.

Saber diferenciar opinião de informação passou a ser um dos focos para educar o cidadão a identificar pistas sobre a veracidade dos conteúdos consumidos nos sites noticiosos, nas redes sociais ou nos aplicativos de interação, como Whatsapp, uma vez que grande parte da desinformação circula nesses dois últimos espaços, muitas vezes em formatos que mimetizam os do jornalismo, especialmente a notícia.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, e-mail: msantos@casperlibero.edu.br

Outro dado que preocupa é que os adolescentes e jovens, que já nasceram no contexto das redes sociais, têm dificuldade não só de diferenciar gêneros jornalísticos como também o jornalismo do entretenimento e da publicidade. Em pesquisa realizada em 2017 nos Estados Unidos, pela Universidade de Stanford e Robert R. McCormick Foundation, denominada *Evaluating information: the cornerstone of civic online reasoning*, verificou-se que a maioria dos adolescentes e jovens não sabia identificar a diferença entre uma propaganda e um texto jornalístico, inclusive porque não tinham a experiência anterior com conteúdos de veículos jornalísticos.

No Brasil, não há pesquisas semelhantes, mas sabemos que cada vez mais o consumo de conteúdos informativos e de entretenimento se confundem, dada a hibridação de gêneros, inclusive nos conteúdos que circulam nas redes sociais, em que se pode constatar jornalistas imitando influenciadores e vice-versa, informação em formato de game, e tantas outras estratégias narrativas que têm sido usadas para atrair a atenção de leitores.

Pela necessidade de se identificar a desinformação no contexto digital e na sociedade contemporânea, considerando desinformação e de resgatar a importância do jornalismo como discurso social e o seu papel fiscalizador dos poderes instituídos em favor das democracias, cada vez mais é necessário discutir gêneros jornalísticos, por que os gêneros são “horizontes de expectativas” para os leitores e “modelos de escrita” para os jornalistas, como diz Chaparro (2008). Para o autor, gêneros não se dividem, são complementares, portanto, não são nem “excludentes, nem exclusivos”. Qual seria, então, a melhor forma de se orientar para a compreensão dos gêneros? Seria adotar o paradigma que divide informação de opinião ou adotar uma perspectiva de forma, em vez de conteúdo?

GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA NEWSLITERACY

A *News literacy* é uma das vertentes da *media literacy*, ou letramento midiático, que pode ser também lida como alfabetização midiática (AUFDERHEIDE, 1992). De acordo com Pérez Tornero (2008, p. 103), desde 2006 *news literacy* tem sido empregada para designar letramento em jornalismo. Na sua dissertação de mestrado, Santos (2019) faz estudo específico sobre o tema, citando Malik *et al* (2013, p. 8-9) e os cinco aspectos essenciais para a literacia em jornalismo empregados especificamente no âmbito do

conteúdo jornalístico abrangem: “1) uma compreensão do papel que as notícias desempenham na sociedade; 2) motivação para buscar notícias; 3) a capacidade de encontrar/identificar /reconhecer notícias; 4) a capacidade de avaliar criticamente notícias; 5) a capacidade de criar notícias”. Para Maksl, Ashley e Craft (2015, p. 29). Desenvolver essas competências é questão de sobrevivência financeira para o jornalismo, porque o acesso às notícias e a compreensão crítica, bem como a participação do público, ajuda a formar a opinião pública e, conseqüentemente, que cidadãos e cidadãos possam exercer seus direitos e defender a democracia.

Apesar da importância de se desenvolver todos os aspectos essenciais para a *news literacy*, destacamos o item três, que trata da **capacidade de identificar/reconhecer notícias**, relacionando essa competência também ao papel dos gêneros jornalísticos, e de como eles podem contribuir, a partir de uma perspectiva não divisionista e sim complementar, para o entendimento do mundo.

Ao discutir a sua proposta de gêneros, Chaparro (2008, 2022) parte das ciências da linguagem. O autor menciona que do ponto de vista histórico, a separação entre gêneros, especificamente “*stories*” e “*comments*”, traduzidos como relatos e comentários, ocorreu em 1702, no jornal Daily Courant, cujo responsável era Samuel Buckley. A ideia da separação surgiu como estratégia para a sobrevivência do jornal. Embora a iniciativa não tenha surtido o efeito esperado, porque o artigo era o gênero em evidência naquele momento histórico, conta Chaparro, a ideia passou a ser adotada pelos diversos jornais, que começaram a separar relatos de comentários, ou como se adotou posteriormente, informação e opinião, de maneira que esse se tornou um paradigma no jornalismo. Apesar das críticas feitas ao modelo, o autor reconhece:

(...) no campo da linguagem, certamente ofereceu valiosa contribuição à evolução do jornalismo - não por causa da credibilidade resultante da impossível separação entre opinião e informação, mas devido à eficácia resultante do rigor dos conteúdos e da clareza pedagógica que acontece na organização de textos e espaços quando se separam os artigos (comentários) das notícias (relatos).(CHAPARRO, 2022, p. 4)

Na análise de Chaparro, gêneros não são excludentes nem exclusivos, e não se dividem entre opinião e informação, como à época propôs Melo (1994), que adotou o paradigma para desenvolver a sua teoria de gêneros, tendo como marco teórico a escola funcionalista. José Marques de Melo revê posteriormente sua classificação, ampliando-a para cinco gêneros, mas mantendo a perspectiva teórica.

Na proposta teórica de Chaparro, a opinião e a informação se complementam. Assim, para a elaboração da notícia, há um processo de valoração que ocorre desde o momento da pauta (em que se escolhe o assunto, a abordagem, as fontes), passando pelo léxico e estilo no momento da redação, até o destaque que o conteúdo deve ter, seja na página do veículo impresso, seja nas páginas do site ou das redes sociais. Nessa trajetória da produção da notícia, a todo momento há escolhas, e escolher, segundo o autor, é opinar.

No caso do relato, portanto, na construção da notícia ou da reportagem, classificadas por Melo (1994) como sendo formatos do gênero informativo, o pressuposto é um processo de escolhas que envolve a natureza do fato, o perfil editorial do veículo, o público, o jornalista, entre outros critérios de noticiabilidade e valores-notícia amplamente discutidos por pesquisadores da área, como Wolf (2003), Traquina (2008), Tuchman (1978) e Sousa (2002). Assim, a opinião está presente nos relatos ou *stories*, e esse é também um aspecto importante para o letramento midiático – compreender o método jornalístico e o contexto em que ele é produzido.

Já no que se refere aos *comments*, relacionado ao gênero opinativo, podemos considerar que opinião não prescinde de informação. Ou seja, a opinião não deve ser uma manifestação sem justificativa. Ao opinar, é preciso mostrar argumentos que sustentem o ponto de vista defendido, ou seja, o texto é estruturado como argumentação. E a argumentação só pode ser desenvolvida a partir da informação: quanto mais e diversificada for a informação, as fontes, tanto mais elaboramos nosso pensamento, estabelecemos relações, refletimos sobre temas e fortalecemos o nosso argumento.

Podemos elencar diversos exemplos que corroboram a proposta teórica de Chaparro, e que acontecem no dia a dia da prática jornalística. Portanto, defendemos que relatos e comentários são fontes importantes para que a sociedade possa, na perspectiva dos gêneros jornalísticos, **identificar/reconhecer** conteúdos jornalísticos não pela falsa ideia de separação entre informação e opinião, mas pela estrutura do texto: um é narrativo, conta uma história, *stories*; outro é argumentativo, apresenta uma ideia e argumenta com dados, estatísticas, pesquisas, declarações de outros, documentos, entre outras fontes. As estruturas textuais nos levam a pensar que o formato seja uma característica importante para a identificação dos gêneros jornalísticos.

Outros autores apresentam vários critérios para a classificação de gêneros. Lia Seixas aborda essas possibilidades, analisando que alguns deles são conceitos pouco desenvolvidos:

Além da finalidade, estilo, estrutura (forma) e conteúdo, as tradicionais classificações (Albertos, Beltrão) procuram estar sincronizadas com a geografia, com o contexto econômico, social, político e cultural, com os modos de produção, com as correntes de pensamento e ainda com as noções de objetividade e neutralidade. A finalidade, estrutura (organização textual), o contexto, os modos de produção (modos do discurso) apontam para direções corretas, mas são tratados superficialmente, não desenvolvidos enquanto critérios. (SEIXAS, 2014, p. 12)

Porém, neste texto preliminar, a discussão sobre gênero pretende colaborar na reflexão a respeito de *news literacy* como ferramenta contra a desinformação, tendo em vista que a divisão entre opinião e informação, um dos temas tratados quando se fala de desinformação, pode dar uma falsa ideia de que opinião vale menos que informação, e que opinar pode ser menos complexo que informar, e mais: que produzir informação não demande escolhas.

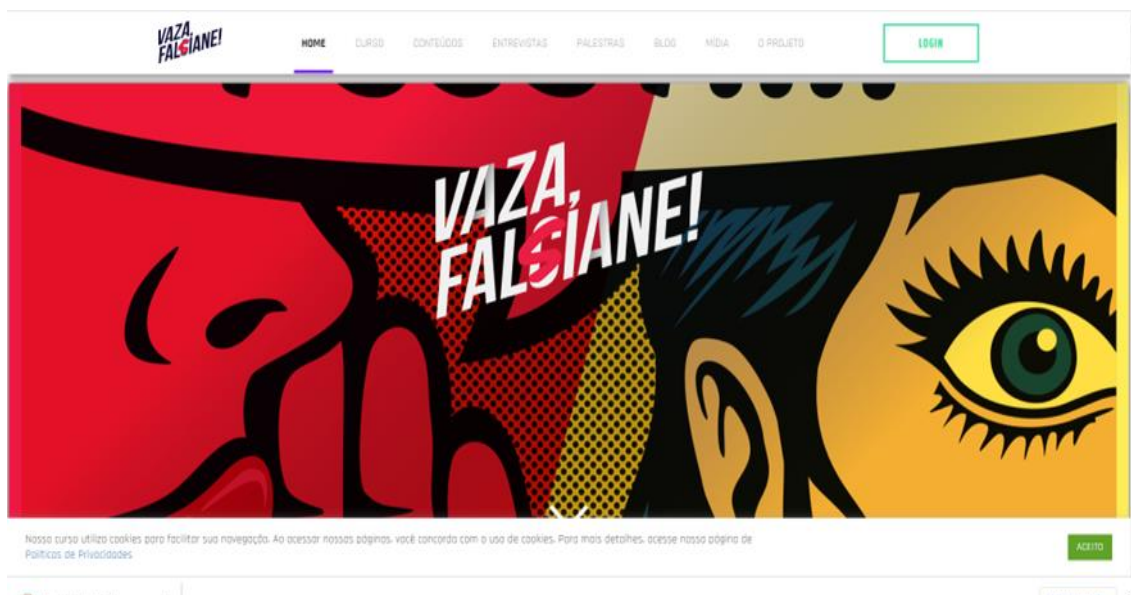
Um outro aspecto importante ainda a salientar é que a compreensão dos gêneros e de sua própria natureza mutável nos mostra que a hibridação é constitutiva (MARCUSCHI, 2003). Como produto histórico, social e cultural, os gêneros não prescindem de uma organização prévia, a qual propicia que os atores sociais interajam a partir do acionamento de um entendimento anterior que os situa em determinado contexto comunicativo (CHARADEUAU, 2007). Graças a essa organização, podemos identificar os diversos gêneros do discurso que permeiam o cotidiano, de forma que eles nos servem de bússola para a construção de sentido no mundo. Porém, ao mesmo tempo em que os gêneros ordenam e estabilizam as atividades do cotidiano (MARCUSCHI, 2003), eles são dinâmicos porque refletem e influenciam o comportamento de uma sociedade. Há acoplamentos, bricolagens, remixagens e, também, transgressões que reúnem formatos não associados com um padrão, como diz Fix (2006), citada por Lima-Neto e Araújo (2012). Isso complexifica ainda mais o papel dos gêneros.

UM PROJETO QUE CONSIDERA GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Um dos exemplos duradouros em termos de *news literacy* é o projeto Vaza, Falsiane!, criado pelos jornalistas Rodrigo Ratier, Ivan Paganotti e Leonardo Sakamoto. O projeto se concretiza a partir da oferta de um curso online gratuito, com apoio do Facebook, que colabora para orientar sobre como reconhecer as “*fake news*” no contexto da desinformação. O reconhecimento que o letramento midiático colabora para minimizar

os impactos da desinformação confirma a necessidade de se pensar também em gêneros jornalísticos.

Figura 1 – Home do Projeto



Fonte: <https://vazafalsiane.com/curso/>

De acordo com o site:

Vaza, Falsiane! é um curso online de iniciativa de três amigos, jornalistas e professores universitários. Ao longo dos últimos dois anos, mergulhamos no estudo das fake news, investigando as melhores formas de produzir conteúdo sobre o assunto para um público amplo. Nesse período, fomos incubados pela ONG Repórter Brasil e vencemos um edital de financiamento do Facebook.

O site oferece 4 módulos denominados: Informação e desinformação: principais conceitos; Identificar e combater fake News; Fake news e política; e Desinformação na pandemia e além. Na síntese sobre os conteúdos dos módulos, os autores reiteram a necessidade de saber identificar opinião de informação, e perguntam ao leitor:

Esse veículo deixa claro o espaço de publicidade, informação e opinião? Para evitar trocar gato por lebre, o público precisa saber claramente qual conteúdo é promoção de produtos, serviços ou propaganda política explícita. Também é importante destacar os espaços próprios para a exposição de opiniões de colunistas, análises e artigos de convidados – os quais não podem ser confundidos com as reportagens e notícias mais factuais – Está claro se esse texto só narra fatos ou abre espaço para as opiniões do autor? Nada contra opiniões, mas é importante podermos

separar quando estamos ouvindo uma perspectiva particular do autor (VAZA, FALSIANE!, 2022, p. 19).

O fato de mencionarem que “reportagens e notícias são mais factuais” pode fazer mais sentido para os profissionais da área, mas será que o público leigo consegue distinguir o que é mais factual? Um comentário pode ser mais factual que uma reportagem? Uma reportagem pode ser menos factual (menos interpretativa) que um artigo? A resposta seria positiva em ambos os casos. Portanto, seria “comprar gato por lebre” pensar que essa seria uma chave para desvendar a diferença entre gêneros.

Já entrando no Módulo 2, no item “Diferenciando notícia de opinião: passo fundamental para fugir da manipulação”, os autores dedicam 5 páginas do conteúdo disponível em formato Portable Document Format (PDF) para apresentar um conteúdo sobre gêneros (a Figura 2 mostra o foco nos gêneros jornalísticos). Partem de notícias sobre política, alertando sobre situações em que a intolerância por pontos de vista divergentes leva as pessoas a atribuírem o rótulo de “notícia falsa” ao que é diferente, o contrário também é verdadeiro. O exemplo ocorre a partir de “textos opinativos”, como os autores se referem, exemplificando com editoriais, artigos ou análises, textos que “dão “interpretações” diferentes àquelas às quais as pessoas já estão acostumadas, mas que “não são nem notícia”. Essa ideia de que a interpretação está distante da informação, nos leva a crer que para o relato não ocorre um processo de escolhas e de interpretação.

Para Chaparro (2008), a notícia é um relato descritivo do fato, seus limites estão contidos no próprio fato, segundo a decisão jornalística o que for suficiente para se relatar e entender o que se passou. Já a reportagem é o

relato jornalístico que expande a notícia, para desvendamentos ou explicações que tornam mais ampla atribuição de significados a acontecimentos ocorridos ou em processo de ocorrência. Nesse sentido, desvenda contextos, situações, falas, fatos, atos, saberes e serviços que alteram, explicam ou questionam a atualidade. (CHAPARRO, 2000, p.125).

Figura 2 – O foco



Fonte: https://vazafalsiane.com/wp-content/uploads/2021/04/VF_modulo-2.pdf

Outro aspecto abordado no tópico sobre gêneros é que os textos jornalísticos não são iguais, e se referem especificamente aos textos opinativos e informativos. Os autores adotam como referencial teórico a proposta de Chaparro (2000, 2008), e são bem didáticos na explicação:

A diferença entre ambos não é que um tipo de texto tem informação e o outro, opinião. Todo texto noticioso tem sua carga de opinião. Afinal, a escolha das fontes, o recorte temporal ou espacial da apuração, o contexto preparado para explicar o assunto, entre outros, são resultado do ponto de vista do repórter, de seus chefes e do próprio veículo. Da mesma forma, textos opinativos também trazem conteúdo factual, com informações sobre o tema do qual tratam. Imagine um texto de opinião que não traga números, dados e fatos. Fica algo fraco e não convence ninguém, não é mesmo? A questão que diferencia ambos é a estrutura utilizada. E temos várias, como a entrevista, a notícia, a reportagem, o artigo de opinião, o editorial, cada qual misturando uma dose diferente de informação e opinião. (VAZA, FALSIANE, 2022, p. 45)

Fazemos apenas ressalva aos textos argumentativos, pois o teórico não diferencia artigo de editorial, porque justamente propõe diferenciar gêneros e espécies - esta última nomenclatura utilizada para se referir ao artigo, à carta, coluna, charge e caricatura – pela estrutura textual argumentativa, como já foi mencionado anteriormente. Conforme

Chaparro, o artigo pode ser observado em diversos formatos (editorial, resenha, entre outros), mas de tudo o que se pode falar a respeito o importante é a sua estrutura argumentativa, a proposta é de um acordo com o leitor, a partir de ideias em diversos campos do saber.

Segundo o autor, trata-se de um texto que possui qualidade, densidade, coerência entre argumentos. É o que os autores do curso online reiteram na citação acima. Mas o desconhecimento ou a má-fé podem levar a enganos ou ardilosas estratégias para enganar as pessoas, confundindo-as sobre o tema, e também sendo coniventes ou omissos quanto à desinformação, aos conteúdos falsos. Saber diferenciar os gêneros, como já dissemos, ajuda a entender o mundo, pois eles refletem e influenciam o comportamento de uma sociedade. Considerando que os gêneros são mutáveis, especialmente na realidade das mídias digitais e dos algoritmos, esse processo se torna ainda mais evidente.

Essa é outra questão que deve ser aprofundada em estudos de gêneros no contexto digital, pois nem sempre é fácil identificar gêneros e espécies, considerando que há hibridações, a partir de bricolagens, remixagens e transgressões que não refletem um mesmo padrão, que mesclam relato e argumento. A aproximação com o entretenimento também nos aproxima desse processo de hibridação, tanto mais observamos a experiência estética com o uso de técnicas literárias, o humor, e outros elementos que são agregados para produzir efeitos de sentido e captar a audiência.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

As questões que nos motivaram a refletir sobre gêneros e *news literacy* emergiram da observação sobre o tratamento dado aos gêneros relato e comentário, como resultantes da divisão entre informação e opinião. Daí a opção por Chaparro para pensar qual seria a melhor maneira de orientar sobre essa questão tão relevante para evitar a desinformação. E o que reforçamos a partir dessas considerações preliminares é que o paradigma informação versus opinião pode gerar desinformação sobre as práticas jornalísticas. Conhecer os processos de produção jornalística é uma das competências para a literacia em jornalismo.

A escolha do projeto *Vaza, Falsiane!* ocorreu também pelo mesmo motivo, pois explicitamente os três jornalistas e professores autores adotam um referencial teórico para explicar as diferenças entre gêneros. O problema é que algumas imprecisões ao longo das explicações no módulo em que se aborda o tema nos levam à ideia de divisão, de oposição, e, em alguns breves momentos, de que para relatar não é preciso interpretar e para comentar se é menos factual.

Essas imprecisões ocorrem porque o paradigma opinião versus informação está muito presente na cultura jornalística, sendo que a imparcialidade e a objetividade ainda são aspectos muito valorizados e associados aos textos considerados informativos. Mas, tal qual Chaparro (2022, p. 7), também faço questão de ressaltar a pergunta de Kermode (1991), que rejeitou “paradigmas racionalistas tendentes a isolar e a controlar a opinião”, questionando: “O que é alguma coisa senão o valor que lhe atribuímos?”.

REFERÊNCIAS

AUFDERHEIDE, P. (Ed.). **Media literacy**: A report of the national leadership conference on media literacy. Aspen, CO: Aspen Institute, 1992.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’ aquém e d’ além mar**. Santarem, Portugal: Sorteio, 2000

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’ aquém e d’ além mar**: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Jornalismo não se divide em Opinião e Informação**. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/1176904/jornalismo-n%C3%A3o-se-divide-em-opini%C3%A3o-e-informa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 8 jul. 2022.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto 2007.

EVALUATING information: the cornerstone of civic online reasoning. Stanford History Education Group. Stanford University/Robert R. McCormick Foundation. Disponível em: <https://stacks.stanford.edu/file/druid:fv751yt5934/SHEG%20Evaluating%20Information%20Online.pdf>. Acesso em 2 jul. 2022.

FIX, U. O cânone e a dissolução do cânone. A intertextualidade tipológica – um recurso estilístico “pós-moderno”? **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1., p. 261-281, jan./jun. 2006.fiz

KERMODE, Frank. **Formas de atenção**. Lisboa, Edições 7, 1991

LIMA-NETO, V.; ARAÚJO, J.C. Por uma resdiscussão do conceito de intergeneridade. **Linguagem e (dis)curso**, vol. 12 (1), abril de 2012.

MAKSL, Adam; ASHLEY, Seth; CRAFT, Stephanie. Measuring news media literacy. *Journal of Media Literacy Education*, v. 6, n. 3, p. 29-45, 2015.

MALIK, M et al. The challenges of defining “news literacy.” Berkman Center for Internet & Society. 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. (2ª. Edição). Petrópolis, Vozes, 1994.

PÉREZ TORNERO, José Manuel et al. ¿Cómo afrontar las noticias falseadas mediante la alfabetización periodística: estado de la cuestión? **Doxa Comunicación**, n.26, p.211-235, 2018.

SANTOS, Jéssica Almeida. **News Literacy. Uma ferramenta de combate à desordem informacional**. (Dissertação em Jornalismo). Mestrado Profissional. ESPM, 2019.

SEIXAS, L. Gêneros jornalísticos digitais: um estudo das práticas discursivas no ambiente digital. IN: ENCONTRO ANUAL COMPÓS, XIII, 2004, São Bernardo do Campo, SP. Anais... Brasília, Compós, 2004 SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Argos, Letras Contemporâneas. Chapecó, Florianópolis, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística / uma comunidade interpretativa internacional**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, Gaye. **A study in the Construction of Reality**. New York: The Free Press, 1978.

VAZA, FALSIANE. Disponível em: <https://vazafalsiane.com/curso/>. Acesso em 15 jul. 2022.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.